

GENTE CAPAZ DE TUDO

O GLOBO

21 NOV 1990

Quem conta com o apoio parlamentar de partidos como esses que negociam nomeações eleitoreiras com o governo

tem duas oposições: uma normal e outra embuçada, pronta a desferir golpes pelas costas. Qualquer um deles é capaz de tudo quando não tem atendido um interesse menor que é a sua razão de ser. A constatação de legendas fisiológicas que negociam com votos só tem a coerência das mais baixas

traficâncias. Nenhuma convicção. No nível inferior, se a premissa é o interesse particular, o interesse público torna-se secundário.

Na sequência de um esforço concentrado para tirar as últimas vantagens, antes que o Congresso entre em recesso, o despudor bate recordes. Houve de tudo, mas o que sobressaiu foi o lado torpe do comportamento fisiológico. Para retirar a administração pública do atoleiro em que a enfiou o tráfico de influência, sob os auspícios da Aliança Democrática e, depois, sob a hegemonia do PMDB, em passado recente, o governo não pode lidar com esse tipo de gente.

É preciso distinguir, no plano das relações entre o Executivo e o Legislativo, que há concessões que são políticas e concessões fisiológicas que são caso de polícia. E aí ele não pode admitir entendimento e intimidade política sem multiplicar o risco. O PDS, o PTB, o PRN, o PFL são partidos capazes de permitir que a legenda funcione como balcão. E, quando se perde o pudor em

política, não há limite. O líder do PTB, Gastone Righi, explicitou há dias que, sem o atendimento dos favores pedidos,

o governo não teria os votos ao seu dispor. O PRN também tomou parte no estouro da boiada impaciente na Câmara.

A sequência culminou com a revelação do líder do PDS: o deputado Amaral Neto, que Carlos Lacerda considerava

uma caricatura dos seus defeitos, excedeu-se. Não tendo sido atendida uma indicação sua para a diretoria da Telerj, depois de três meses, invadiu o gabinete do ministro da Infra-Estrutura e, munido de um gravador oculto, interpelou-o com desenvoltura. O ministro falou em caráter reservado, e o deputado se sentiu no direito de utilizar-se publicamente da explicação. O parlamentar nada teve a perder com esse método, mas o ministro passou recibo de ingenuidade política.

O governo vai ter que rever as linhas do seu relacionamento político com o Congresso, para não ficar nas mãos dessa gente, que pratica o fisiologismo selvagem. Uma relação política que se desfaz obriga as duas partes a respeitar o que foi dito e ouvido em confiança. A não ser assim, entre a política e o gangsterismo não haveria espaço por onde possam circular as pessoas de bem. Já é tempo de escolher interlocutores mais idôneos, sem antecedentes comprometedores.

O Governo deve rever seu relacionamento com o Congresso, para não ficar nas mãos dessa gente, que pratica o fisiologismo selvagem.